

**A LEITURA DE TEXTOS FILOSÓFICOS NO ENSINO MÉDIO: O ATO DE LER COMO PROCESSO DE TRADUÇÃO**

[READING PHILOSOPHICAL TEXTS IN HIGH SCHOOL: THE ACT OF READING AS A TRANSLATION PROCESS]

Everton Grison

E-mail: [evertongrison@gmail.com](mailto:evertongrison@gmail.com)

ORCID 0000-0001-7536-7059

*Possui Bacharelado e Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná [UFPR] (2013). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) do curso de Filosofia [UFPR] (2012-2013). É especialista em Educação das Relações Étnico Raciais pela Universidade Federal do Paraná [UFPR] em parceria com o Núcleo de Estudos Afro Brasileiros [NEAB] (2015), e em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio pela Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná [UNICENTRO] (2016). Foi Professor Supervisor bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) do curso de Filosofia [UFPR] (2017-2018), no Colégio Estadual Ivo Leão. Possui Mestrado em Filosofia, bolsista CAPES, pela Universidade Federal do Paraná (2019). Sua linha de pesquisa (estudos) é voltada para a Filosofia Política, Ética, Ensino de Filosofia, enfatizando temas como a Teoria Crítica, Dialética e Esclarecimento. Interessa-se por autores da tradição da Teoria Crítica, especificamente Theodor Adorno. É colunista do site Reflexão Dialogada. Coordena o projeto de Cine Clube G-Filo em parceria com o Neseff/G-Filo - UFPR, no Colégio Estadual Ivo Leão. Professor de Filosofia no Colégio Seb Dom Bosco - Curitiba e do Quadro Próprio do Magistério do Estado do Paraná.*

DOI: [10.25244/tf.v13i2.2539](https://doi.org/10.25244/tf.v13i2.2539)

Recebido em: 02 de março de 2020. Aprovado em: 01/04/2020

Caicó, ano 13, n. 2, 2020, p. 73-92

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v13i2.2539](https://doi.org/10.25244/tf.v13i2.2539)

Dossiê Afroperspectivismo e o Ensino de Filosofia



**Resumo:** A leitura de textos de Filosofia no Ensino Médio é apontada como fundamental por um número considerável de pesquisas e documentos governamentais, os quais discutem e orientam o ensino de filosofia nessa fase formativa. Entretanto, tais indicações carecem de clareza e objetividade, pois pouco se ocupam da aplicação prática dos textos clássicos de Filosofia no Ensino Médio. Há uma diversidade de questões que podem dificultar esse processo. Frente a isso, o presente artigo busca articular uma discussão sobre o tema, a partir de processos formativos e da experiência docente com Filosofia no Ensino Médio. Trata-se, portanto, de discutir uma leitura humanizadora, pautada em uma ação leitora de excertos de textos filosóficos, discutidos no conjunto de um processo de tradução, o qual se apresenta como fundamental para delinear o espaço da Filosofia nessa etapa formativa, como forjar a atividade docente e a formação dos estudantes.

**Palavras-Chave:** Filosofia. Leitura de Textos. Tradução. Humanização. Excertos de Textos.

**Abstract:** The reading of Philosophy texts in High School is pointed out as fundamental by a considerable number of researches and government documents, which discuss and guide the teaching of philosophy in this formative phase. However, such indications lack clarity and objectivity, since little is concerned with the practical application of the classic texts of Philosophy in high school. There are a variety of issues that can make this process difficult. In view of this, this article seeks to articulate a discussion on the theme, based on training processes and teaching experience with Philosophy in High School. It is, therefore, a matter of discussing a humanizing reading, based on a reading action of excerpts from philosophical texts, discussed in the set of a translation process, which is presented as fundamental to delineate the space of Philosophy in this formative stage, how to forge teaching activity and student training.

**Keywords:** Philosophy, Reading of Texts, Translation, Humanization, Excerpts of Texts.

## 1 ASPECTOS DE UMA LEITURA DE TEXTOS FILOSÓFICOS HUMANIZADORA

No intuito de refletir acerca de uma concepção de leitura humanizadora, se torna fundamental um posicionamento distinto das concepções salvacionistas, muito difundidas em projetos educacionais e propostas que pretendem promover a leitura. Esperar que por intermédio da leitura as pessoas se tornem, de modo mágico melhores é idealista e pouco objetivo, frente aos graves problemas educacionais do país. A “salvação”, em verdade, pode até partir da leitura ou tê-la como mote central, mas é preciso tornar os pressupostos mais diretos sobre este tema.

Essa urgência de definição daquilo que delinea a questão da leitura propicia um direcionamento da reflexão para a leitura de filosofia. Percebe-se que não há uma leitura universalizada para todos os tipos de textos, como um método que poderia ser aplicado a qualquer forma textual. Portanto, há a exigência de se pensar sobre a leitura no interior dos diferentes âmbitos: literário, histórico, sociológico, filosófico, geográfico e entre as demais áreas do conhecimento que promovem a formação dos sujeitos. Sendo assim, pelo que se percebe, a leitura assume facetas diferenciadas a depender da área do conhecimento. Nesse estudo o foco será a leitura de filosofia.

Uma questão que se impõe inicialmente é sobre ler filosoficamente um texto e ainda, sobre ler um texto de filosofia. É possível que uma leitura de texto literário, de um romance ou drama, por exemplo, assumam caráter filosófico. Para responder esta indagação recorre-se às reflexões de Britto (2015) sobre a leitura, pois para o autor, “Ler é difícil. Ler as coisas interessantes e que transcendam o prosaico cotidiano é mais difícil. Ler arte e percebê-la é mais difícil. E é isso que faz da leitura um gesto encantador” (BRITTO, 2015, p. 138).

A leitura não é uma atividade fácil. Ela pode ser prazerosa, mas não há uma necessidade de se pautar por um objetivo aprazível, como se sua busca fosse o entretenimento universalizável. Há inúmeras formas de texto e, inegavelmente, alguns se propõem a promover períodos de diversão. Entretanto, no que diz respeito à leitura de caráter mais técnico, e nesse âmbito se insere o trabalho com a filosofia, está em jogo uma decodificação da linguagem, uma percepção dos conceitos e das definições apresentadas e o próprio processo de compreensão do que está dito, no sentido de atualizar o texto e as ideias, ao aplicá-lo em um tempo e espaço diferentes daquele que originalmente contribuiu para a elaboração textual.

Pelo exposto, parece haver uma necessidade de se aprender a ler, no sentido de dominar as técnicas que contribuam no entendimento das várias facetas de um texto de filosofia, pois “aprender a ler – para além da decifração necessária ao trato com a escrita – é também apreender na cultura objetos e as determinações que fazem os textos” (BRITTO, 2015, p. 102).

A humanização buscada por intermédio da leitura é mobilizada pelo apuro técnico da arte leitora, da decodificação mais direta daquilo que é dito no texto, acrescentando um olhar crítico sobre os objetos, conteúdos, conceitos, problemas, entre outros fatores que são abordados no texto como um todo, ou nas situações que utilizam excertos de texto. Sendo assim, pelo que se percebe a leitura assume um movimento político de contrapoder, isto é, como pilar de uma concepção de democratização, na qual os sujeitos inseridos possuem as condições para realização da prática.

Essa democratização depende diretamente, no que diz respeito à filosofia, da sua manutenção no ensino médio como disciplina, visto que é nesse momento que uma parcela significativa da sociedade, em processo de formação metacognitiva e de caráter, toma contato com esse tipo de linguagem e as técnicas ressaltadas acima.

Com a reforma do ensino médio, aprovada pelo governo federal em 2017, a partir de Medida Provisória, além da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), essa manutenção tornou-se um dos problemas e uma das grandes preocupações dos professores de filosofia do país e dos alunos de licenciatura em filosofia. Os primeiros, suspeitam que a disciplina perderá um espaço significativo no interior da grade de disciplinas, pois a reforma do ensino médio diluiu as disciplinas em itinerários formativos. Os segundos, pelo fato de estarem se formando em uma área específica e com poucas perspectivas de atuação profissional docente, devido ao provável esvaziamento de filosofia no interior do grupo de ciências humanas, somando a isso o despreparo em lidar com questões de ciências humanas, isto é, com questões técnicas e específicas da geografia, da história e da sociologia, que por si só, já justificam a necessidade de cursar o ensino superior na área.

Em verdade, pelo que se percebe, a reforma do ensino médio assevera a desigualdade de acesso a uma formação de qualidade, pois é muito provável que regiões com menos recursos e menor tradição em humanidades, ou em filosofia, deixem a disciplina relegada ao famigerado campo da transversalidade. Entretanto, a transversalidade pode (em muitas ocasiões representa), a presença indireta dos conhecimentos nas diversas áreas. Pelo que se percebe, estar em diversos lugares é o mesmo que não estar em lugar nenhum, quando se fala de educação e de processo de formação de sujeitos.

A filosofia mobiliza conhecimentos e desenvolve habilidades de forma muito específica. Portanto, sua manutenção enquanto área determinada é fundamental. Cogitar a sua saída ou diluição na proposta de transversalidade significa condenar milhões de jovens estudantes ao não acesso à cultura e ao conhecimento humano de milênios, contribuindo diretamente para uma separação entre aqueles que estudam de modo mais amplo e completo, as diversas formulações humanas sobre questões que ultrapassam os tempos, e aqueles que se formam direcionados para atender demandas de mercado econômico, permanecendo no domínio técnico de áreas específicas e, portanto, vulneráveis às flutuações que o campo da economia apresenta. Essa é uma das visões do quanto a reforma do ensino médio pode se apresentar como uma perversidade formativa sobre aqueles menos favorecidos.

Como o ambiente universitário, especialmente nas avaliações de ingresso, não é um ambiente democrático, no qual todos têm acesso, a leitura nas aulas de filosofia apresenta e inclui os jovens, especialmente os da periferia, em um ambiente cultural, em um tipo de escrita e de costume reflexivo, que dificilmente eles teriam acesso para além dos muros das escolas, já que na realidade mais imediata vivida, os ditames do mercado de trabalho e a necessidade de angariar sustento para si e para os seus parentes mais próximos, ainda se inscreve como realidade latente.

A presença do texto de filosofia nas aulas se faz fundamental pela necessidade de recorrer aos referenciais constituídos ao longo da história da filosofia, no sentido de qualificar com maior critério e cuidado as ideias desenvolvidas, pois não se produz filosofia ou não se criam ideias apenas por uma inspiração mística ou por um processo totalmente desconhecido. Em verdade, na Filosofia o amparo na tradição é muito importante, pois ela “[...] não escapa a essa regra comum da cultura que impõe a cada um apoiar-se nos outros para se alimentar e crescer” (FOLSCHEID, WUNENBURGER, 2013, p. 06).

Essa regra comum da cultura que se apoia naquilo que já foi concebido pela tradição preserva o conhecimento do passado, atualiza-o na sua aplicação no presente e fornece subsídios sólidos para que as novas concepções passem a ser compreendidas a partir de um referencial. Desta maneira, ao se ler os excertos de textos, os filósofos nesse movimento de qualificação dos desenvolvimentos de aprendizagem, recebem um aparato qualificado, pois

**A leitura de textos filosóficos no ensino médio: o ato de ler como processo de tradução**

GRISON, Everton

Ler textos filosóficos é entrar em relação com pensamentos filosóficos já advindos, para penetrá-los e apropriar-se deles. A leitura é, portanto indissociável do próprio pensamento. Ao lermos Platão ou Descartes, pensamos nós mesmos como Platão ou Descartes. Pensamos não apenas por eles, mas neles – pensamos, simplesmente. (FOLSCHEID, WUNENBURGER, 2013, p. 09).

Os textos podem representar um gatilho motivador de pensamento, pois eles carregam a marca de uma personalidade pensante e possuem uma própria identidade enquanto estrutura de linguagem. Os períodos, os conceitos e os diferentes momentos que constituem os textos de filosofia auxiliam na atividade pensante acerca dos problemas da atualidade, que tocam mais diretamente os alunos e professores.

A filosofia funciona, nesse quesito, como uma referência confiável para os discentes, que passam a retrabalhar suas ideias e conceitos em outros contextos que não as atividades propriamente de filosofia: no apuro técnico e crítico de uma redação em português, nas reflexões e produções de história e geografia, na compreensão das origens de conceitos e leis físicas, no ordenamento de raciocínios lógico-matemáticos, nos problemas que envolvem a linguagem, na relação que estabelecem com o corpo e com os demais temas na educação física e nas próprias conversas que têm entre si. Isso representa, portanto, que o texto filosófico pode ser um disparador para uma postura interdisciplinar mais alargada dos discentes, além de evidenciar o aspecto transdisciplinar que é inerente à filosofia.

Cabe ressaltar ainda mais, que a leitura filosófica não é uma leitura comum, já que ela está conectada a uma tradição conceitual e reflexiva, demandando um olhar específico. A partir disso, percebe-se como condição necessária que o trabalho com textos de filosofia no ensino médio, seja realizado por professores com formação na área, pois lê-los exige certa ambientação nesse campo do saber e, para que os recortes de texto não se tornem um dificultador inicial ao discente, que está iniciando suas leituras e contatos com uma tradição tão vasta, exige um contato e ambientação com os conceitos e as linguagens utilizadas nos diferentes tipos de textos de filosofia.

Essa leitura também não pode ser vista unicamente como um ler por ler, pelo simples fator de que o aluno está travando contato com os textos dos filósofos, ou para cumprir as obrigatoriedades indicativas, das inúmeras pesquisas acadêmicas que defendem a onipresença do texto de filosofia no ensino médio. (Cf: PORTA, 2004, p. 95-96). Trata-se de uma leitura anotada, ou seja, de uma leitura seguida do registro de ideias, seja em tópicos, seja em formato de fichamentos ou até na produção de um texto sobre o texto lido.

“Os pensamentos não são almas penadas para vagarem por aí” e levando em conta as dificuldades de atenção, os problemas de formação e o imediatismo percebido nas atuais gerações discentes, o registro se torna determinante no caminho da compreensão do texto de Filosofia. Sem sombra de dúvidas, as anotações podem representar um momento de deturpação ou entendimento parcial daquilo que os textos expõem, mas igualmente podem ser coroadas com a atualização dessa nova mão que registra as percepções. (Cf: (FOLSCHEID, WUNENBURGER, 2013, p. 09).

Ao se pensar a leitura dos excertos de texto no interior das aulas de filosofia é preciso determinar mais claramente alguns pontos sobre essa atividade de anotação, pois se entende que em um primeiro momento, na introdução de autores, concepções ou textos, as indicações de sentido e as ponderações sobre cuidados com passagens e conceitos devem ser feitas pelo professor, ator que possui maior experiência e contato com o texto que se busca entender.

Tais indicações podem ser elencadas como fundamentos para a realização de uma leitura coletiva do trecho de texto e isso guiará o discente em um segundo momento, quando estiver lendo solitariamente o texto, seja por interesse próprio ou na elaboração de alguma atividade relacionada.

Sobre essas indicações<sup>1</sup> há alguns materiais e pesquisas que refletem sobre o tema. Compreendem-se como fundamentais as seguintes etapas: 1 – separação do tema, ou seja, daquilo que é trabalhado em todo o texto, da tese (ideia central) e da problemática (questão abordada); 2 – identificações dos momentos e articulações do texto (etapa que se realiza plenamente no retorno parcial ao texto, ou na realização de uma segunda leitura); 3 - análise das noções (conceitos) filosóficas indicadas pelas palavras; 4 – apreciação da natureza e do alcance do discurso proferido pelo filósofo ou filósofa, em relação ao estudo que se está realizando na situação em específico.

Essas não são as únicas etapas que podem ser seguidas e nem se indica que sejam as únicas, pois o sucesso da realização do uso de excertos de textos de Filosofia no ensino médio depende de uma infinidade de fatores, que por vezes não ocorrem todos de modo satisfatório como se espera. O que precisa estar constantemente no horizonte do professor é que sua ação auxilia na construção de sentido e significado para vidas humanas.

O ensino de Filosofia tem seu sentido como rumo, na perspectiva de que auxilia o estudante a crescer pessoalmente [...] Se a Filosofia é capaz de proporcionar o conhecimento, o querer saber mais, essa abertura de horizontes pode permitir ao estudante ter uma visão mais ampla da realidade, o que poderia permiti-lo, conhecendo mais escolher de forma mais acertada. O pensamento crítico, enquanto sentido da Filosofia na compreensão mais ampla da realidade, configura-se como um pensar livre e rigoroso. É esse pensar que pode contribuir para se tomar as decisões mais acertadas na vida, [...] Há uma relação entre conhecimento, crescimento pessoal, escolha certa e pensamento crítico. (JUNIOR, 2020, p. 201).

Portanto, ao separar e planejar a utilização de um texto em um momento de aprendizagem é fundamental que os professores pensem sobre qual sentido e significação tal texto pode representar na vida de seus alunos.

Esse cuidado com os detalhes implanta uma dinâmica docente e uma rotina para a Filosofia no ensino médio, que a posiciona como área voltada para a elaboração de um plano ordenado de temas e questões, focados em significar algo nas vidas que serão expostas aos possíveis efeitos desses conhecimentos. Este ordenamento dos detalhes evita os improvisos, que em situações pontuais podem ser representativos, mas que quando tornados rotineiros denunciam o desleixo com o trabalho que se realiza e com a formação propriamente dita.

---

<sup>1</sup> Como são muitos os materiais que abordam o tema da leitura e da filosofia, cabe ressaltar que acerca do uso do texto filosófico no ensino médio, ainda se carece de uma bibliografia vasta sobre o tema. Muitas delas estão deslocadas da realidade das escolas brasileiras, pois são escritas por pesquisadores que “deduzem” a maneira de Sherlock Holmes como que o ensino ocorre no ensino médio, sem fazer o trabalho de pesquisa com imersão direta na realidade em questão. Também há trabalhos pensados a partir do ensino médio, por professores e pesquisadores que estão inseridos nessa realidade formativa. Aponta-se como referência o livro de Evelyne Rogue (2014), guardadas as devidas diferenças do ensino francês para com o brasileiro, uma das virtudes do livro é a clareza da sua exposição e seu formato: todo o livro é concebido no formato de fichas, facilitando a seleção de trechos para uso com os alunos, além de demonstrar um grau de síntese e precisão muito interessantes, que auxiliam a atividade docente para com os textos de filosofia.

**A leitura de textos filosóficos no ensino médio: o ato de ler como processo de tradução**

GRISON, Everton

A presença do texto de Filosofia nas aulas de Filosofia é fundamental então, pela representação que pode assumir na vida dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem, visto que se está buscando, em um primeiro momento, a compreensão de certa estrutura lógica, que sustenta a produção textual, como pondera Porta; “Produzir um texto é proporcionar uma formulação literária adequada a certa estrutura lógica; ler um texto é efetuar o movimento inverso, ou seja, partir de certa estrutura literária e tentar chegar a uma estrutura lógica” (PORTA, 2004, p. 51).

Para que minimamente o entendimento dessa estrutura lógica ressaltada acima ocorra, a definição das etapas fundamentais na atividade da leitura é fundamental. As etapas delimitam os caminhos e contribuem para que os alunos percebam a necessidade de se fazerem escolhas nos momentos formativos, na exigência de se ter um caminho a ser transcorrido e na atenção para a realização dos diferentes momentos. Pelo que se entende, isso também representa uma contribuição formativa transdisciplinar.

Cabe esclarecer que o entender não representa um processo simples, como parece ser cotidianamente, quando se usa a expressão “entendido”. Em verdade,

Entender é traduzir; ter entendido um texto é ser capaz de poder oferecer uma “tradução” dele. No entanto, não é qualquer tradução que constitui um entender. Para que o seja, ela deve representar um ganho em relação ao original; deve ser mais explícita e, inclusive, se possível, mais clara e até mais precisa, que aquele. (PORTA, 2004, p. 55).

O entender conecta-se com a ideia da tradução, do fazer inteligível de outra forma, em outra língua. Não se trata do mesmo processo de tradução entre idiomas diferentes. No que diz respeito ao entendimento dos textos está em questão uma explicitação daquilo que foi dito no texto “original”, acrescentando clareza e aspectos novos, estabelecendo ligações com fatores que podem estar para além do próprio texto. O entender é um ter a clareza de falar com aquilo que está escrito.

O professor ao adquirir experiência docente e a partir da continuidade de sua qualificação absorve instrumental técnico para trabalhar com um texto, um autor ou uma corrente filosófica. Em sua fala, que é uma tradução clarificada, e não por isso simplificadora ou reducionista, apresenta aos discentes o conhecimento de outra maneira, traduzido em uma estrutura linguística que seja compreensível aos alunos. Eis nisso uma das maiores dificuldades no ensino de filosofia, pois traduzir os conhecimentos filosóficos sem prejuízos e deturpações em relação à ideia original, exige muito conhecimento, perspicácia e criatividade. Por outro, reside nesse processo um aspecto de originalidade na atividade filosófica, pois nesta concepção de tradução, cada professor no seu esforço de traduzir, acaba por se tornar autor de seu próprio discurso, da sua prática.

Essa atividade desenvolvida pelo docente não é o mesmo que uma boa explicação. Pelo que se percebe, se trata de abordar diretamente o sentido no caso do texto, ou seja, não apenas o porquê algo foi dito de determinada maneira, mas o que é dito. Nem sempre o sentido do texto se apresenta de modo explícito, mas ele não se encontra ausente de um texto. Desta maneira, há a necessidade de atenção para que os sentidos subjetivos do professor não tomem a centralidade da fidelidade em relação ao sentido do texto, pois é exatamente nessa perda que se colocam palavras onde nada foi dito, isto é, se diz aquilo que o autor não disse. Atribui-se sentido para o que não foi explicitado, gerando confusão e aprendizagem conceitual incorreta.

**A leitura de textos filosóficos no ensino médio: o ato de ler como processo de tradução**

GRISON, Everton

Qual seria o critério para definir que uma leitura foi proveitosa? Essa pergunta é complexa e poderia ser respondida de diferentes maneiras pelos diversos autores que abordam o tema da leitura em Filosofia. Pelo que se intui, a boa leitura está relacionada a um despertar, como uma percepção que se apresenta clara, mas que antes passava despercebida. Trata-se de uma leitura “óbvia”, como reflete Porta:

O critério decisivo é que toda boa leitura é ‘óbvia’, ainda que nem por isso seja trivial. Trivial é o que todo mundo vê com apenas olhar; óbvio, aquilo que podemos olhar sem ver, mas que nem podemos deixar de ver uma vez que nos é indicado o modo como devemos olhar. Nossa reação usual, em tais casos é um: ‘Mas é isso! Como não o vi antes!’. (PORTA, 2004, p. 61).

A leitura óbvia se apresenta de forma clara, como um despertar, um: “agora entendi”. É uma certa descoberta. Significa o desenvolvimento das habilidades cognitivas que passam a funcionar deitadas, capturando o sentido e entendendo aquilo que está explicitado. Funciona como um ritual de passagem na vida discente, pois é uma espécie de “empoderamento”. Como se o sentido capturado sepultasse as dúvidas anteriores, mostrando-se “límpido como água”. E esse acontecimento curiosamente deixa marcas, faz com que o entendido seja fixado como marco. Trata-se da captura da unidade objetiva que compõem o texto.

Nesse processo de entendimento e captura daquilo que representa uma unidade objetiva, ou seja, daquilo que está dito, é condição necessária o desenvolvimento da análise. A análise seria o meio pelo qual se captura esta unidade objetiva que está inscrita no texto, mas que por motivos variados escapava. Sendo assim, a análise exige certa metodologia, é uma tarefa de paciência. A partir disso, se pode perceber que a análise funciona como uma progressão de traduções, de apresentações objetivas que abordam de outra maneira, aquilo que está dito.

Essas sucessivas traduções percebidas no processo de análise possuem uma íntima relação com a história da filosofia, pois ela não é vista como letra morta, como aquilo que aconteceu no passado e se recorre a ela quando não se sabe mais o que fazer com o presente. Em verdade, a história da filosofia também acontece no presente, pois ela também é beneficiada por este dizer com outras palavras aquilo que está dito,

[...] a história da filosofia é também “mãe da verdade”. Ela é continuamente recontada por expressar, no fundo, a maneira como estamos, em nosso tempo, compreendendo-a enquanto praticantes da filosofia. A história da filosofia é assim sempre, de alguma forma, história do presente, pois é constituída a partir das questões que nos animam a pensar o mundo contemporâneo. A história da filosofia somos nós, portanto, porque a reinventamos continuamente e porque ela é parte integrante de nossa identidade individual e de nossa cultura ocidental. (CORNELLI; CARVALHO; COELHO, 2013, p. 55).

As traduções, nesse contexto da história da filosofia, assumem uma forma de reelaboração expressiva daquilo que foi feito no passado, mas que aborda o tempo presente. Ao recontar, o tradutor em história da Filosofia acaba por praticar uma filosofia no presente. Esse é um ponto



que tem uma função pedagógica muito importante. Os alunos precisam compreender que ao estudarem autores do passado, não estão realizando apenas um estudo sobre aquilo que foi dito. Trata-se, portanto, de estudar o passado ao mesmo tempo em que ele é atualizado para o presente.

É na prática da Filosofia, nas elaborações da atualidade, no interior das escolas e salas de aula que a tradição ganha vida, pois se lança mão de maneiras de fazer com que aquilo represente algum sentido para o jovem. Se ele participa e captura este movimento, ao menos o esforço promovido pela própria Filosofia, que tenta dar sua voz por intermédio dos textos e dos desenvolvimentos filosóficos variados, já é uma grande conquista da área no âmbito do ensino médio.

Desse modo, a história da filosofia na sala de aula não é algo inútil, antiquado, mas pode se tornar uma “barricada” para resistir às sempre presentes tentações totalitárias da cultura e da racionalidade. Nas trilhas da história, a filosofia apreende a humildade do diálogo e da necessidade da distância para compreender o outro sem negá-lo em sua diferença, seja ele presente ou passado. [...] A atividade histórico-filosófica no ensino de filosofia pode ser considerada como esta força retroativa que revela os segredos escondidos nos meandros do passado e joga uma luz nova, à luz do sol de hoje, sobre a história. (CORNELLI; CARVALHO; COELHO, 2013, p. 55).

As atividades que envolvem a Filosofia no interior das escolas representam momentos de resistência diante de uma dinâmica de mundo que desvaloriza paulatinamente as disciplinas classificadas como ciências humanas. No Brasil, especialmente pela sua organização histórico-política, a Filosofia sofreu e continua a ser atingida de forma muito intensa, com os efeitos de escolhas obscuras de diferentes governos. Em distintos momentos da história a intenção de retirada da Filosofia do ensino médio esteve presente. Isso parece denunciar uma desconfiança direta de que a partir dos estudos filosóficos as pessoas se tornam mais conscientes e participativas, não aceitando passivamente os acontecimentos e rumos que o país assume.

Essa percepção e atribuição da Filosofia é muito difícil de ser determinada precisamente, pois parece ser muito arriscado afirmar que a Filosofia “melhora os sujeitos”. Entretanto, percebe-se claramente que algo acontece, isto é, em toda a história, a presença da Filosofia gerou impasses e promoveu situações de questionamento. Ela é algo que incomoda e, por isso, não pode estar ausente das salas de aula. Sua história, seus textos, seus conceitos e ideias incomodam, provocam, questionam e contribuem diretamente para o desenvolvimento da formação das pessoas.

Pensar a formação filosófica dessa forma pressupõe um diálogo direto com a tradição, com os textos produzidos pelos autores, com a conexão e diferenciação das ideias e conceitos, ou seja, uma conversa franca com todo o aparato realizado pelos filósofos, na busca da preservação dessa forma de pensamento, com intuito de lançar clareza e referencial nas reflexões sobre os problemas e realidades da atualidade.

O aluno ao ser imerso e se imergir em meio ao *corpus filosófico* insere-se em uma dinâmica de conhecimentos e raciocínios que o auxiliam no desenvolvimento de suas habilidades, sejam elas leitoras, interpretativas, de escrita e verbalização de conteúdos diversos. A filosofia e seus textos passam a fazer parte de seu cotidiano e se tornam presença fundamental na manutenção dos preceitos que vão lhe guiar enquanto sujeito do mundo. Eles tornam-se um instrumento de análise, em contextos que ultrapassam os seus próprios limites: figuram enquanto clássicos de tradição viva. Ler e pensar os outros é o equivalente a ler e pensar a si:

[...] os debates contemporâneos sobre filosofia se desdobram em uma polêmica sobre a leitura da tradição à qual esta filosofia se associa. É nessa referência à tradição, na constituição de seus cânones, na leitura que constrói do passado com o qual dialoga, que o exercício filosófico se apresenta. Para além de um mero exercício, a leitura se revela embate, invenção e reflexão, meio pelo qual a própria filosofia se constrói. Nada seria mais equivocado do que aceitar, diante desse debate, as apresentações simplistas e didáticas da tradição filosófica que se costuma encontrar nos manuais de filosofia. Afinal, onde está o próprio texto kantiano, em meio a esse conflito de interpretações? Oferecer uma resposta a essa pergunta, propor-se voltar ao texto, lê-lo, é situar-se em meio ao debate, tomar posição, inevitavelmente, a partir desse presente que pensa e lê a si próprio pensando e lendo a tradição que reconhece como sua origem. (CORNELLI; CARVALHO; COELHO, 2013, p. 65).

A leitura do passado representa um diálogo constitutivo com a tradição, de um presente desvinculado de qualquer concepção que aniquile os contextos e influências da tradição. Ela, a leitura, figura como atividade de choque, pois a escrita do texto nem sempre confere similaridade no presente. Essas divergências e enfrentamentos promovem o movimento característico da Filosofia, elaborado por um intenso movimento de ideias por toda a sua história. Nas leituras feitas no presente, os problemas, os conceitos e o conhecimento como um todo também se atualiza, se problematiza e coloca-se em atividade dialética de renovação.

Essa promoção, este exercício participativo faz com que os discentes percebam a complexidade existencial da filosofia, não no sentido de um total estranhamento com esta forma de discurso, mas na percepção própria de que sua mensagem nem sempre se apresenta decodificada e de modo objetivo. O contato exige posicionamento, mesmo que seja de repelir aquilo que é dito. Em Filosofia, não é possível permanecer em estado de passividade diante do que está expresso. Seu texto é um convite ao diálogo e, portanto, sua presença no ensino médio se mostra como promoção dialogada, a partir de uma tradição genealógica.

O convite ao diálogo percebido na relação que se estabelece com a tradição filosófica se inscreve em um voltar-se para os textos e os conceitos, para a realização de uma leitura dos textos que busca compreender os detalhes constitutivos das ideias dos diferentes pensadores. Esse retorno, a valorização da Filosofia enquanto campo do saber promove uma compreensão direta e indireta do próprio sujeito que realiza o movimento. Por fim, quando o aluno tenta ler um excerto de texto de Filosofia, também está em busca de uma leitura de seu tempo e de si mesmo, pois as questões e dificuldades encontradas também foram indagações de outras pessoas em outros tempos.

Não é um procedimento simples ler Filosofia, pois seus textos exigem algo a mais que uma imediata codificação gramatical daquilo que está escrito. Há temas, problemas, teses que são desenvolvidas em conformidade e desacordo a uma série de outras formas de pensamento. Entretanto, essa exigência de uma “tomada de fôlego” pode representar uma das maiores significações na formação de um sujeito. Com isso ele aprende o ir além e, especialmente, que ele pode ir além. Como se observa:

Todo esse ruído, a dificuldade de leitura, a pluralidade que daí deriva, seria [...] parte constituinte da própria leitura filosófica, que só lê se misturada ao próprio

**A leitura de textos filosóficos no ensino médio: o ato de ler como processo de tradução**

GRISON, Everton

texto [...] Talvez nenhuma experiência seja tão marcante quanto à da dificuldade de se respirar fundo, mergulhar e tocar, para além de nossa gramática, o objeto que se apresenta como enigma. E aqui, então, a filosofia e seu estudo se encontram: aprender a ler essa rede intrincada, debater um texto a partir de várias leituras, seja esse texto o “mundo ocidental”, o “capitalismo” ou simplesmente o “mundo” [...]. (CORNELLI; CARVALHO; COELHO, 2013, p. 68-69).

Trata-se, pelo que se percebe, da necessidade de se construir estratégias que não contornem as dificuldades inerentes dos textos e da leitura de Filosofia. Pelo contrário, a leitura de Filosofia, especificamente no ensino médio, não pode se tornar um entrave, um obstáculo para que o discente se insira no contexto cultural filosófico. Desta maneira, o recorte de texto parece fazer mais sentido, já que ele cumpre o papel de introduzir o aluno em um tema, problema ou tese filosófica e para tanto, não existe a necessidade de reprodução da totalidade textual. Além do que, às condições estruturais e a falta generalizada de recursos nas escolas brasileiras, dificultam muito o trabalho de milhares de professores, interessados em desenvolver sua atividade profissional para além de uma simples reprodução do que está no livro didático.

A leitura de passagens muito longas, com carga conceitual e gramática muito intrincada pode representar um entrave no desenvolvimento das habilidades de leitura, interpretação e compreensão dos textos de Filosofia. A partir da experiência docente, as situações que melhor funcionaram no ensino médio foram as passagens de texto que não ultrapassaram uma página, frente e verso, pois os recortes sempre foram pensados para serem primeiramente lidos em sala de aula, na presença dos alunos e com mediação do professor.

Essa estratégia é questionável, pois não é claro o critério para se definir o lugar exato do recorte textual, como qual seria o melhor excerto para se trabalhar de cada pensador. Além desses questionamentos, há um de caráter mais formativo do docente; qual seria o critério na seleção por um autor e não outro? Qual o critério para se escolher por um texto e não outro? Como que o texto aconteceria no interior da sala de aula? Devem ser selecionados apenas textos de filosofia? Quem define esses critérios todos? Há tempo suficiente para que o professor do ensino médio, possa se envolver com questões como essas e preparar um material adequado às suas aulas?

Tais questões exigem muita reflexão dos docentes, no pensar sua prática, pois está em jogo como a Filosofia será apresentada e como ela mesma se apresentará no ensino médio. Há, sem sombra de dúvidas, uma preocupação direta que ela figure com sentido nessa etapa de ensino e na vida dos jovens, diferente de um conhecimento utilitarista, curvado às oscilações de mercado e que fornece respostas imediatas e rápidas demais às demandas da atualidade.

Ocorre que a estranheza e as dificuldades inerentes à Filosofia não podem se transformar em impedimento ou manifestação de repúdio por parte dos estudantes. Este é um campo muito delicado, pois, por um lado, a Filosofia precisa ser apresentada de modo convidativo e provocador<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Atualmente há uma série catalã, disponível na Netflix ([www.netflix.com](http://www.netflix.com)), site que disponibiliza materiais áudio visuais mediante o pagamento de mensalidade, que tem ganhado espectadores por todo o mundo. Intitulada Merlí e dirigida por Hector Lozano, basicamente, trata-se de um professor de filosofia com o mesmo nome da série e que desenvolve sua atividade docente, provocando os jovens a pensarem sobre seus problemas, as situações que ocorrem na escola, os problemas da política, enfim, aquilo que aflige a todos no momento presente. Para tais reflexões Merlí requisita os mais variados filósofos e filósofas, sem seguir uma ordem cronológica. Sua maneira de cativar os alunos é uma forma curiosa para se compreender melhor essa concepção de professor provocador. A série ainda apresenta uma segunda concepção importante, pois coloca o professor como alguém comum, que acerta e erra. O professor se apresenta naturalizado como sujeito do mundo. Cabe ressaltar, de modo geral, que não se pretende com essa indicação definir o modelo docente a ser seguido. Os professores não necessitam ser Merlí, mas, podem usar a produção feita na série para provocar os alunos a pensarem uma infinidade de questões. Na série as aulas de filosofia não são vistas como

ao jovem, para que ele se sinta como participante do processo formativo que envolve a Filosofia, mas, por outro, isso não pode representar uma facilitação dos meandros que são característicos da própria área do conhecimento e de sua transmissão de ideias. Eis, assim, um difícil equilíbrio a ser buscado no ensino de filosofia, pois pelo que se percebe, ele faz toda a diferença em todos os questionamentos levantados anteriormente: na seleção do autor a ser estudado, na escolha do texto específico, no lugar exato do recorte textual e na quantidade de texto que será disponibilizado.

Essas tensões parecem deixar mais evidente ainda, ante outros problemas, a necessidade da especificidade na formação daqueles que ministram aulas de Filosofia. Mesmo com todas os problemas que existem na formação de professores no Brasil, especialmente na formação básica das licenciaturas e na formação continuada dos docentes, o professor de Filosofia do ensino médio deve ser formado na área, para poder abordar de forma mais satisfatória as dificuldades que envolvem este tipo de ensino, compreendendo com maior profundidade as habilidades mobilizadas e os desdobramentos no processo formativo.

É o professor formado em Filosofia que tem mais possibilidades de se aproximar do discente, ao ponto de encantá-lo para com o conhecimento filosófico, pois ao traduzir uma Filosofia ele acaba por fazer Filosofia, ou seja, há um processo de criação que permanece delineado no interior das decisões que o docente assume, e que impactam sua atuação e o relacionamento dos alunos para com a Filosofia.

### 1.1 A leitura e o encantamento pela filosofia

O aspecto que se falava anteriormente, de que o texto de filosofia não pode representar um obstáculo de aproximação também se inscreve na atuação docente. Com isso não se pretende definir um perfil padronizado ideal de professor, pois isso não encontra ancoragem justificada em nenhuma teoria ou prática. Não passa de contrassenso completo. Cada professor precisa encontrar a sua identidade enquanto docente. É um descobrir-se.

Em verdade, o objetivo aqui é apontar que existe um processo de encantamento, uma espécie de “sedução”<sup>3</sup>, na qual a atuação docente, a partir da maneira que é concebida e posta em

---

enfadonhas e inúteis. Busca-se ressaltar uma concepção de filosofia conectada com o mundo e que busca se atualizar ao interagir com os jovens. Em um mundo tecnológico e acelerado, Merlí ocupa um lugar importante, pois está inserida em meio a muitas produções de conteúdo e formato muito questionáveis e que também são consumidas pelas pessoas. Sua contribuição para a disseminação da filosofia ainda não pode ser determinada com precisão, pois não há pesquisas nesse sentido. Há um texto do prof. Dr. Renato Janine Ribeiro, importante pesquisador no tema da ética e da política e ex-ministro da educação no governo de Dilma Rousseff, que ressalta alguns aspectos importantes sobre a série, apontando contribuições para o diálogo da filosofia para com as gerações mais jovens. O texto pode ser conferido em: <http://porvir.org/serie-merli-da-netflix-mostra-como-conectar-ensino-medio-a-vida-do-jovem/> (acessado em 24/10/2020). Ribeiro, mobilizado pelos impactos da série, ainda criou uma página no Facebook, disponível em: <https://www.facebook.com/Merli%C3%AD-e-a-filosofia-no-ensino-m%C3%A9dio-148701185851349/> (acessado em 24/10/2020), para discussão da série e um curso na Casa do Saber, para também discutir os desdobramentos de Merlí. Pelo que se percebe, os professores ocupados em realizar um ensino contextualizado e que dialoga com as novas gerações precisam ver a série, para retirarem suas próprias conclusões.

<sup>3</sup> O termo sedução é complexo e polissêmico. Neste estudo seu significado aborda o conjunto de qualidades de alguém, ao ponto de despertar em outra pessoa, interesse por um rol de conhecimentos específicos. Como aponta Houaiss em seu dicionário: “sedução: ato de seduzir ou ser seduzido [...]. Conjunto de qualidades e características que despertam em outrem simpatia, desejo, amor, interesse etc., magnetismo, fascínio [...]” (HOUAISS, SALLES, 2007, p. 2534). No caso em questão, está o professor que seduz o aluno, não para manipulá-lo a partir de algum viés ideológico, ou para ludibriá-lo a fim de buscar a satisfação de interesses escusos. Pensa-se, neste contexto, uma acepção que valoriza o trabalho docente no qual os alunos se identifiquem porque é feito de uma forma específica e por uma pessoa específica.

prática, por si representa um acontecimento positivado no relacionamento dos alunos para com a Filosofia. A mediação do professor seduz, aplaina os caminhos, auxilia na iniciação do contato direto da Filosofia. Pelo que se percebe, esta ideia liga-se com a concepção de “personalidade intelectual amadurecida”, elaborada por Porta nos seguintes termos:

A figura do mestre só pode ser necessária na filosofia se há algo que apenas ele pode oferecer, algo para o qual ele é insubstituível. Este algo, abstratamente considerado, já sabemos, é o vínculo com a tradição. Agora, se o mestre é capaz de introduzir seu discípulo na tradição viva, é porque esta vive nele [...] Em última instância, podemos reduzir a quatro as tarefas essenciais que assume o mestre e que o definem. A primeira é introduzir seu discípulo no *philosophical way of thinking* [...] A segunda é orientar seu discípulo no “labirinto filosófico”, ordenando, priorizando e, em definitivo, focalizando problemas e conceitos de modo tal a evidenciar qual é seu verdadeiro núcleo. A terceira tem a ver com o mais rico que ele tem a dizer, com aquilo que é o decantado de seu estudo de anos. Nem tudo o que ele sabe merece ser ensinado. [...] Existe, finalmente, uma quarta e paradoxalmente decisiva tarefa, pois ele de forma alguma pode propô-la a si, já que ela não diz respeito a um fazer, mas a um ser. É através dela, não obstante, mais que por nenhuma outra, que ele marca indelevelmente seus discípulos. Seu prazer e sua tenacidade, sua consciência do complexo, o permanente alerta contra toda atitude ingênua, em suma, o que poderíamos chamar “sua personalidade intelectual amadurecida”, é uma ponte pela qual outros ingressam na tradição. (PORTA, 2004, p. 102-103).

Pelo que parece, a concepção de personalidade amadurecida possui proximidade com a noção de sedução, isto é, o professor que possui uma personalidade amadurecida carrega a tradição da filosofia como um sustentáculo na sua atuação profissional, preocupando-se em demonstrar claramente com seu posicionamento, que o seu discurso é fundamental no desenvolvimento formativo dos discentes. Sua prática docente passa a figurar como insubstituível, torna-se interessante por que é o professor singular que realiza a prática e não uma pessoa qualquer.

Essa personalidade intelectual amadurecida pressupõe uma constante atividade de pesquisa, ou seja, o professor em geral e especialmente o de filosofia, tem a necessidade de se manter como pesquisador, buscando dar continuidade a seus estudos e reflexões. Entretanto, manter-se nesse constante processo de pesquisa é difícil, devido à escassez de recursos para a pesquisa, o comprometimento da carga horária dos professores com questões burocráticas das instituições de ensino, a falta de incentivo e o descrédito inegável que a profissão possui diante da sociedade. Muitas pessoas defendem a educação, mas a defesa do professor como ponto fundamental no desenvolvimento educacional não possui a mesma representatividade.

A valorização e o progresso acadêmico dos professores exige uma mudança considerável de posicionamento governamental e institucional para com a educação, no tocante a financiamento de pesquisas, concessão de bolsas de estudo, incentivo e conexão dos méritos acadêmicos a

---

Esta forma de atuação pode contribuir para que a recusa em relação ao hermetismo filosófico e as dificuldades na leitura de excertos de texto de filosofia, seja totalmente ressignificada. Pelo que se percebe, esse processo de sedução representa um diferencial determinante na atuação docente e promove uma mudança de olhar dos discentes, em relação aos aspectos próprios da filosofia. Por si só, essa forma de sedução não resolve dificuldades e não ultrapassa problemas, mas, faz com que as relações sejam mais palatáveis. Essa sedução é um processo que auxilia no momento que atrai e desperta interesse.

progressão nas carreiras, reestruturação das horas atividade, desburocratização das atividades avaliativas, discussão sobre currículo e definição de carga horária das áreas, espaço, disponibilidade de recursos e valorização de projetos que ultrapassem os limites da sala de aula, em conexão com as comunidades em que as escolas estão inseridas, entre outras questões sobre ensino.

Ao lado das questões levantadas acima, ocorre a necessidade de o professor representar uma espécie de mediador, isto é, daquele que direciona o trabalho filosófico, orientando, priorizando e definindo como que a iniciação filosófica e o desenvolvimento das habilidades cognitivas se darão. A focalização em problemas e conceitos é fundamental para garantir um contato efetivo com a filosofia, para que não se transforme em resistência e desconexão com a realidade. A aproximação da filosofia para com os jovens e a realidade mais em geral exige colagens que só o professor tem a habilidade de fazer.

Tais colagens são fundamentais pelo fato de que, quando rendem sucesso, dizem muito aos jovens de hoje. Um professor que consegue demonstrar que a tradição da filosofia, seja da antiguidade ou da atualidade, tem algo a dizer para as atuais gerações, manifesta na sua atuação profissional o quanto a tradição permanece viva em seu ser, apresentando suas melhores facetas em relação à filosofia. Seu discurso, sua prática profissional são um convite para a iniciação ao conhecimento filosófico e isso contribui com o desenvolvimento dos alunos, especialmente no que se refere às habilidades cognitivas, no sentido de criar um pensamento de resistência.

## 1.2 A leitura e o professor nas aulas de Filosofia

Como já foi ressaltado, as escolhas no que diz respeito ao ensino de Filosofia assumem um papel central, já que em grande medida, são as opções definidas pelos documentos oficiais e pelos professores, levando em conta suas formações e opções teóricas, que darão uma certa identificação para o que se busca, do ponto de vista prático, com a manutenção da presença da Filosofia no ensino médio. Este ponto é fundamental, pois pelo que se percebe, é comum em documentos e estudos sobre o ensino de Filosofia se falar muito sobre o que se deve fazer, mas pouco sobre como realizar efetivamente este dever.

Está em jogo uma gama de escolhas que são complexas e exigem muita reflexão. Ensinar Filosofia é o mesmo que negar a passividade, pois o envolvimento, a presença vivaz da tradição são os grandes impulsionadores no sucesso das práticas. Garantir que a tradição permaneça pulsante no intelecto dos profissionais de Filosofia não é tarefa fácil, pois isso não pode representar mais uma idealização de caráter imperativo, sobre o que o professor deve fazer para conseguir isso ou aquilo. Em verdade, posturas imperativas são ouvidas por “ouvidos moucos” e terminam por figurar no interior das bibliotecas, com pouca contribuição efetiva.

Portanto, ao se tratar neste subitem, da leitura nas aulas de filosofia é fundamental deixar claro que as ideias apresentadas na sequência, são alguns resultados de pesquisas<sup>4</sup> e de quase uma década de atividade docente com Filosofia, no Ensino Médio.

O professor pesquisador vivencia a dificuldade de além de preparar e ministrar suas aulas, elaborar e corrigir avaliações e reavaliações, participar de reuniões e conselhos de classe, ter que somar uma carga horária de pesquisa, leituras e dedicação na sua formação continuada. É comum

---

<sup>4</sup> A partir de Especialização sobre o Ensino de Filosofia no Ensino Médio, realizada na Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO) e de dissertação de Mestrado sobre o Ensino de Filosofia, defendida na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

**A leitura de textos filosóficos no ensino médio: o ato de ler como processo de tradução**

GRISON, Everton

não ocorrer uma saída do pesquisador de sala de aula, para realizar um curso de curta duração, uma especialização ou mestrado e doutorado. Ele pesquisa na atividade docente, acrescentando à uma condição bastante precarizada mais trabalho.

A luz das reflexões de Byung-Chul Han (2018), isso representa em certa medida, uma faceta da sociedade do desempenho e da produção, desdobrada da sociedade disciplinar pensada por Michel Foucault, e que vê nos indivíduos a potencialização de uma auto escravização, isto é, para o autor não ocorre mais um domínio disciplinar de uma instituição ou alguém exterior ao indivíduo. Cada sujeito constrói as facetas, no interior da dinâmica social do desempenho e da produção, do seu controle e do seu cansaço.

Desta maneira, cada qual sofre os efeitos de uma dinâmica social adoecida e cansada, cravejada de situações de depressões e extenuação. Os sujeitos tornam-se esgotados pelas atividades que realizam e a cobrança que se impõem. Percebe-se a necessidade de um olhar mais cuidadoso com esse acúmulo de atividades produtivas dos professores pesquisadores, pois elas podem contribuir para o adoecimento desses profissionais e diretamente, uma precarização da qualidade do ensino.

Retomando o tema da leitura, a concepção de uso de textos de filosofia no ensino médio pauta-se na compreensão de que um ensino baseado apenas em manuais priva os jovens estudantes de um dos aspectos mais importantes na relação com a Filosofia: o contato com as ideias na forma (*In natura*) que foram concebidas por seus autores.

Uma das questões iniciais que se apresenta, nesse contato entre estudante e texto é o desenvolvimento de uma metodologia que consiga efetivamente conectar a ambos, seja o estudante ao texto, seja o texto ao estudante, no sentido de que os estudantes se percebam participantes da sua formação enquanto seres que pensam por conta própria. Essa organização metodológica demanda um posicionamento pedagógico que centralize a compreensão de textos na realização da Filosofia na escola. Isso pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades que representem claramente o significado do pensar autônomo.

Tanto a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, quanto os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) de 1999, as orientações Educacionais Complementares (PCN+EM) de 2002 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino médio de 2018, carecem de clareza sobre quais seriam as competências próprias da Filosofia, como percebê-las e como avaliar os seus desenvolvimentos.

Esta falta de uma definição mais pragmática pode representar um ganho, pois cada professor tem a oportunidade de pensar o ensino a partir de sua realidade escolar, com maior liberdade para adaptações e delimitações necessárias. Entretanto, como seria possível perceber ou dimensionar sobre aquilo que não se apresenta claramente? Por vezes, parece que há uma defesa de que as competências acontecem, mas sem uma objetividade acerca desse desenrolar. Pelo que se percebe, não se pode ensinar a partir de suposições ou de pilares improvisados, pois quanto maior o improviso, maior também são os posicionamentos subjetivos e a falta de critérios.

O “achar” substitui em certa medida o “pensar”, e fatalmente a aula de Filosofia pode se tornar a aula sobre o professor X. A Filosofia perde a sua centralidade e a atuação prática de um sujeito toma o espaço. Essa opção propositiva permanece demasiadamente no campo teórico idealizado, sem apresentar um enfoque mais direto sobre uma metodologia do uso de textos de Filosofia no ensino médio. Pelo que se entende, tornam-se incipientes os documentos apresentarem essa onipotência do texto de Filosofia, de forma solta, a depender das condições e interpretações que cada docente faça.

Com isso, não se está afirmando que os documentos citados acima ou outros que possam surgir no futuro, deveriam imperativamente determinar como se trabalhar com textos de Filosofia

no ensino médio. Pelo contrário, os documentos poderiam estabelecer alguns parâmetros de auxílio aos professores, para que julgassem a partir de suas formações e realidades, a real relevância das proposições e as adaptações necessárias em cada contexto. Tais indicações funcionam como possibilidades, como caminhos a serem trilhados de diversas maneiras.

Suspeita-se que essa indicação sobre os textos de Filosofia da maneira que é feita nesses documentos, demonstra uma leitura unilateral do ensino de Filosofia, como se fosse uma adaptação de metodologias utilizadas na universidade e que, do ponto de vista geral, sagraram sucesso na sua utilização. Cabe apontar, com muita cautela, que o público que frequenta as salas de aula do ensino médio brasileiro não possui de forma imediata, a mesma cadência daqueles que estão na universidade.

Há nesse período de vida dos adolescentes demandas que precisam ser levadas em conta, isto é, problemas que afligem diretamente suas existências, os quais podem fornecer um campo significativo de atuação filosófica, no sentido de significar ou ressignificar as existências por intermédio da Filosofia. Não se pode esquecer, igualmente, que no ensino médio a Filosofia é apresentada a todos, diferentemente do que acontece na universidade, visto que o grau de especificidade e enfoque buscado é bem distinto e não é colocado a toda a população universitária da mesma maneira.

Ainda é preciso ressaltar, que a Filosofia não pode assumir o papel de um “psicologismo” ou da autoajuda, como se fosse um campo que responde a demandas dos discentes de modo singularizado. Pelo contrário, ela representa a área do conhecimento que questiona e ajuda o aluno, a partir de sua tradição conceitual e de um rol inesgotável de textos e ideias, a problematizar sobre suas próprias demandas e dos demais alunos. Claro está, que ele pode encontrar na tradição respostas para situações singulares de sua subjetividade, mas esse não é o mote que impulsiona o trabalho da Filosofia no ensino médio. Sendo assim, existe a necessidade de uma abordagem sobre as competências próprias que envolvem a Filosofia e a leitura de textos filosóficos.

Do ponto de vista geral, a leitura de Filosofia nas salas de aula do ensino médio é um terreno um tanto pantanoso e complexo. Ler por ler, ler para dizer que se leu ou para constar nos registros de classe, pois se houver algum questionamento oficial, seja de instâncias pedagógicas, gestoras ou de pesquisadores em ensino de Filosofia, sobre a atuação do docente de Filosofia e a presença do texto nessa atividade, representa no mínimo uma falta de honestidade intelectual e demonstra um certo “adestramento” da profissão de professor: registrar em virtude de alguma cobrança futura, e não porque isso é o resultado de uma metodologia e uma didática que se fazem fazendo. Atuar com a Filosofia e ler Filosofia no ensino médio, pelo que se percebe, exige um posicionamento preciso sobre a própria atividade filosófica nessa etapa de ensino. Portanto, trata-se de escolhas a serem feitas.

Uma concepção de formação que leva em conta os conceitos busca estruturar uma noção formativa com o seguinte posicionamento: a Filosofia no ensino médio representa uma introdução aos temas, problemas e conceitos, abordados pela tradição filosófica ou que se apresentam com exigência reflexiva na atualidade. Desta maneira, é fundamental deixar claro que uma introdução caracteriza escolhas, isto é, são possibilidades de entradas de contato e diálogo com a filosofia.

Elas não figuram como as únicas e podem não ser as mais corretas. Não está em jogo uma classificação de caráter ético, isto é, do que parece ser mais certo ou errado. É uma aposta, um acreditar. Pensa-se, neste aspecto, sobre o que fazer e como fazer Filosofia no ensino médio. Ambas as coisas são possíveis.

A reflexão carrega um grau de idealização, mas o fundamental é apontar a importância do docente na definição de seu trabalho, seus recortes, adaptações e suposições. Percebe-se um grande



prejuízo, ao menos para a metodologia e a didática em Filosofia, quando o professor não filosofa, ou seja, apenas cumpre o ritual tradicionalista de dar aulas.

Filosofar ou esforçar-se por fazê-lo demonstra um senso de pertencimento da Filosofia diante dos discentes que é determinante. Ao mesmo tempo em que os alunos participam do movimento introdutório em relação à Filosofia, o docente, na sua postura profissional se introduz enquanto atuante, e isso contribui para que ambas as esferas se mantenham alinhavadas com o desabrochar formativo. Enquanto o aluno se faz estudando, o professor se descobre atuando.

Esse filosofar do professor faz diferença, pois aplaina o caminho para os próprios alunos desenvolverem suas reflexões filosóficas. Ocorre que os discentes ao perceberem um professor que filosofa, em muitos casos, se sentem provocados a fazer o mesmo, nem sempre da mesma maneira e com as mesmas concepções, mas buscando refletir sobre aquilo que se apresenta. É cabe ressaltar que isso não se restringe aos momentos de sala com a presença do professor. Percebe-se uma expansão dessas posturas para as conversas de intervalo, nos passeios, nos ambientes familiares, nos diálogos nas redes sociais. Sendo assim, acontece uma apropriação, um tomar posse.

Percebeu-se ao longo da carreira docente o problema formativo do aspecto leitor dos estudantes. Não se trata de atribuir responsabilidades ou isentar figuras. Em verdade, pelo que parece, há uma necessidade de objetividade prática no que diz respeito a uma metodologia da leitura de textos em geral, e mais especificamente os de Filosofia. Não está em questão, por mais que possa parecer buscar eleger técnicas que se aplicariam a qualquer registro textual filosófico. Não há uma metodologia única.

No sentido de fazer do texto de Filosofia uma presença central nos procedimentos formativos desenvolvidos em sala de aula no ensino médio, vê-se a necessidade de elaboração de princípios mínimos para a eleição de recortes de textos de Filosofia, pois defender objetivamente a presença do texto de Filosofia nos processos formativos, ou seja, propor a onipotência do texto de Filosofia, ou os benefícios da sua presença no ensino médio, não garante a sua real execução.

## **À GUIA DE CONCLUSÃO: EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA PARA DEFINIÇÃO DE EXCERTOS DE TEXTOS AO ENSINO DE FILOSOFIA**

Apontar caminhos é uma atitude arriscada. Trata-se de uma decisão complexa e que carrega diversos problemas, seja quando se decide por passagens completas de textos, capítulos ou até trechos maiores, seja no recorte de passagens, parágrafos ou trechos menores. Invariavelmente, a opção demonstra um posicionamento identitário com a Filosofia no ensino médio. Pelo que se percebe, entendê-la como introdução aos temas, problemas, conceitos e a sua história propriamente, demanda a escolha de como essa aproximação ocorrerá. Nesse ponto, não se arriscar na definição de como posicionar o texto de Filosofia no ensino médio, representa mais um obstáculo do que ganho.

A partir da experiência formativa e docente, optou-se pelo excerto de texto que não ultrapassasse o limite de uma página. Em verdade, não se busca estabelecer propriamente um mínimo ou máximo de linhas que sejam considerados adequados. Há inúmeros fatores envolvidos na escolha de cada texto e autor. Do ponto de vista geral, o espaço de uma folha parece representar uma boa fração de texto, que possa efetivamente ser trabalhado em sala de aula, com a presença mediadora do professor, lendo conjuntamente com os alunos o fragmento escolhido.

Essa opção reflete diretamente uma leitura da presença da Filosofia no ensino médio, isto é, a proximidade da concepção de que a Filosofia no ensino médio deve representar uma introdução aos temas, problemas, conceitos e a própria história dessa forma de pensamento. Filosofar no ensino médio representa participar, alunos e professores, de uma introdução a todo o esforço filosófico feito desde a antiguidade, para dar conta de situações e problemas de latência. Para que isso ocorra, no que diz respeito ao texto, a seleção de excertos figura como uma opção correta e necessária.

O excerto de texto vigora nas mais variadas áreas do conhecimento e esteve presente em todos os livros didáticos selecionados pelo MEC, para compor o último Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), que selecionou livros didáticos de Filosofia em todo o território nacional. Trata-se, portanto, não apenas da opção de um docente, mas da presença corriqueira nas mais variadas situações pedagógicas.

Pode-se dizer que a concepção de excerto de texto encontra embasamento pois,

[...] um “trecho” de texto só tem validade na medida em que consideramos como um instantâneo, como a fixação provisória de limites que se deslocam e se reagenciam, unidade móvel e lacunar que a análise reinscreve em conjuntos também flutuantes. Se não é possível definir de antemão os limites do fragmento nem o “filosofema”, que representa a unidade mínima de sentido, podemos, no entanto, situando-nos no âmago da discursividade concreta, determinar quais são os constituintes mínimos de um texto filosófico. [...] A dificuldade de leitura é, portanto considerável: de um lado, o fragmento é uma unidade flutuante que nos convida, sob a cadeia linear, a analisar a complexidade textual constituída por operações filosóficas elementares; de outro, ele se integra em conjuntos mais vastos, com dimensões também variáveis, quer sejam colaterais, superpostos, ou construídos transversalmente através da composição geral da obra [...]. (COSSUTTA, 1994, p. 08-09).

O excerto de texto é encarado, a partir disso, como um momento central na elaboração da experiência de introdução à Filosofia, por meio das aulas de Filosofia no ensino médio. Por mais que esse estudo se pautar a partir das pesquisas realizadas nesse âmbito de formação, entende-se que essa concepção pode ser extrapolada para além, podendo ser aplicada, inclusive, nas atividades desenvolvidas no ensino superior. O contato direto e imediato com o excerto de Filosofia, por mais que temporariamente coloque de lado o todo da obra, fornece uma oportunidade do discente do ensino médio “experienciar” o contato com um trecho de texto de Filosofia, momento que seria irrealizável na vida da maioria se não estivesse na escola.

Trata-se do discurso do filósofo que se apresenta diante do aluno, ou seja, são as ideias de diferentes pensadores e pensadoras que são postas diante do discente, provocando-o a pensar sobre. Mesmo que seja para gerar repulsa e negação direta do texto, pelo que se percebe torna-se muito custoso assumir a total passividade diante do fragmento textual. Quando selecionados com cuidado, os recortes textuais falam e fazem falar, provocando o questionamento e desafiando posições. Os alunos passam a filosofar a partir deles, qualificando suas leituras de mundo e promovendo alterações naquilo que se apresenta incoerente ou pouco desenvolvido das suas ideias.

Nesse sentido, a seleção dos excertos de textos leva em conta o conteúdo estruturante estudado, o tema em abordagem, o problema discutido na passagem, definições que se apresentam de modo mais direto e sua contribuição para a introdução à Filosofia, que está sendo buscada pelo

docente. Não é apenas uma decisão arbitrária do professor que considera o texto relevante. Há esses fatores em questão que precisam ser observados, não no sentido de se estruturar uma técnica única para recortes de textos de Filosofia, até porque ela estaria falha antes mesmo de ser utilizada, visto que a variedade de discursos filosóficos é muito vasta.

Trata-se propriamente de pontos a serem levados em conta no momento que o professor seleciona excertos de texto para utilizar com seus alunos. Fatalmente, em diversas situações o recorte pode ser que não funcione, não apenas porque o lugar escolhido para realizar a separação do fragmento do original esteja questionável, mas por fatores externos, alguns provindos dos próprios alunos ou das condições que se apresentam nas mais variadas escolas brasileiras de ensino médio.

Os recortes podem ser feitos de antologias de textos, de obras clássicas, de textos publicados em meios impressos ou virtuais ou dos próprios livros didáticos, disponibilizados pelos governos para os estudantes fazerem uso. Mesmo possuindo uma infinidade de problemas e questões específicas, as quais não fazem parte propriamente dessa pesquisa, a seleção de excertos de texto dos livros didáticos pode representar um ganho objetivo, pois os alunos, em um número considerável pelo país, dispõem do material em sua casa e, sendo assim, podem retornar aos textos em momentos outros que não os da sala de aula.

Cabe registrar ainda, a necessidade de disponibilidade e ampliação de recursos no Brasil, para a realização de práticas educativas de qualidade, que passam pela disponibilidade de bibliotecas atualizadas nas escolas, com quantidades significativas de exemplares, da presença de profissionais capacitados em biblioteconomia e gestão da informação, para gerenciar adequadamente a catalogação e a preservação do acervo, da disponibilidade dos materiais necessários à realização das cópias dos excertos de textos, além da disponibilidade de recursos tecnológicos e o acesso a milhares de ebooks, em edições confiáveis da cultura filosófica e mais geral, que hoje se encontram disponíveis no ambiente virtual.

Cabe também, uma formação dos docentes para o trabalho com textos filosóficos, que ultrapasse a simples defesa de que o texto deve estar presente. É de fundamental importância o desenvolvimento de materiais e estratégias pedagógicas que estejam pautadas nos textos e demonstrem objetivamente, como aproximar os jovens desse recurso cultural.

No que tange à atividade de seleção de excertos de textos de Filosofia, como material didático para o ensino de filosofia, se trata de observar como que se estruturam as definições temáticas das passagens, as questões/problemas que são levantadas, as definições conceituais determinadas e na contribuição dinâmica para o movimento de aprendizagem em questão.

Esses pontos não são, mas vigoram com certos prestígios em variadas formas textuais filosóficas, como nos diálogos, nas cartas, nos tratados e nos ensaios. Portanto, são compreendidos como passos importantes para delimitação de uma “técnica” do recorte, se assim se pode chamar a atividade que muitos realizam com textos de Filosofia, nem sempre com a disponibilidade de ferramentas para selecionar de forma mais clara e objetiva o que será apresentado aos alunos.

O recorte de textos não acontece de modo dissociado do processo de leitura dos próprios textos. Em verdade, ao se realizar a seleção de um trecho, seja do tamanho que for, cabe apontar que o docente precisa ter em mente o público que receberá o texto e qual tipo de leitura busca elaborar com os jovens. Recortar sem pensar em como lerá, de que forma mediará os textos e as questões que poderão surgir, parece representar apenas uma etapa do trabalho com textos no ensino de Filosofia. Se é fundamental selecionar textos, tão importante é buscar ler significativamente aquilo que foi selecionado, buscando fazer sentido nas existências daqueles que se relacionam com essa forma tão vasta de conhecimento que é a Filosofia.

## REFERÊNCIAS

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso: leitura e formação**. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo; COELHO, Maria Cecília M. N. A Filosofia e o Conceito de Clássico. In: CARVALHO, Marcelo, CORNELLI, Gabriele (orgs.). **Filosofia e Formação**: vol. 1. Cuiabá: Central de Texto: 2013, p. 51-80.

COSSUTA, Frederic. **Elementos para a Leitura dos Textos Filosóficos**. Tradução de Ângela de Noronha Begnami [et al.]. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FOLSCHEID, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia Filosófica**. Tradução de Paulo Neves. 4 ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2013.

HOUAISS, Antônio; SALLES, Mauro de. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

JUNIOR, Williams Nunes da Cunha. Os Sentidos do Ensino de Filosofia no Ensino Médio: uma abordagem fenomenológica. In: BODART, Cristiano das Neves (org.). **O Ensino de Sociologia e de Filosofia Escolar**. Maceió: Café com Sociologia, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

PORTA, Mario Ariel González Porta. **A Filosofia a partir de seus Problemas: didática e metodologia do estudo filosófico**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004. (Coleção Leituras Filosóficas).

ROUGUE, Évelyne. **Comentário de Texto Filosófico**. Tradução de Bruna Abrahão [et al.]. Curitiba, UFPR, 2014. (Coleção Didática n.80)